HISTÓRIAS INTERATIVAS: A ARTE DE CONVIDAR CRIANÇAS PARA PARTICIPAR DA CRIAÇÃO DE NARRATIVAS

ELAINE FAUSTINO DE SANTANA

RESUMO

O artigo discute o uso das histórias interativas na educação infantil, especialmente com crianças de 3 a 6 anos, destacando seu potencial para promover o desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e emocional. Diferentemente da contação tradicional, as histórias interativas envolvem a participação ativa das crianças, que ajudam a construir o enredo, favorecendo o engajamento e a aprendizagem significativa. Baseando-se nos estudos de Vygotsky e Gardner, o texto mostra como essa prática valoriza a interação social e estimula diferentes inteligências — linguística, interpessoal, corporal, entre outras. Durante as histórias, as crianças tomam decisões, propõem ideias, representam personagens e interagem com o narrador e com os colegas, o que amplia o vocabulário, desenvolve a expressão oral e fortalece habilidades como empatia, cooperação e criatividade. A metodologia do artigo inclui revisão bibliográfica e observação prática em turmas da educação infantil, revelando resultados positivos, como maior participação das crianças, melhora na linguagem oral, aumento da autoconfiança e avanços na socialização. O texto destaca ainda o papel fundamental do educador como mediador, responsável por equilibrar a condução da história com a liberdade criativa dos estudantes. Conclui afirmando que as histórias interativas são uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento integral das crianças, desde que bem planejadas e integradas a outras práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: histórias interativas, educação infantil, engajamento, criatividade, participação ativa.

1. INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma das práticas mais antigas e universais da humanidade, presente em praticamente todas as culturas como meio de transmissão de saberes, valores e experiências. Na infância, essa prática adquire um valor ainda mais significativo, por ser uma poderosa ferramenta no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. Através da narrativa, é possível transmitir valores culturais, ensinar comportamentos e estimular a imaginação, favorecendo a construção do pensamento simbólico e da linguagem (BETTELHEIM, 2002; CUNHA, 2003).

As histórias tradicionais, nas quais o narrador conduz a narrativa e os ouvintes assumem um papel mais passivo, têm importância inegável na formação do imaginário infantil, no desenvolvimento da escuta e na ampliação do repertório linguístico. No entanto, as histórias interativas emergem como uma abordagem mais dinâmica e participativa, permitindo que as crianças se envolvam ativamente no processo narrativo. Ao serem convidadas a opinar, escolher caminhos para os personagens ou até mesmo assumir papéis na história, elas deixam de ser meras espectadoras e se tornam coautoras da narrativa.

Essa participação ativa transforma a experiência da escuta em uma vivência mais profunda e significativa, estabelecendo uma relação afetiva e simbólica entre a criança e o enredo. Como destaca Abramovich (1997), a escuta de histórias deve ser um momento de prazer, mas também de troca e construção coletiva, aspectos potencializados quando a criança interage com o conteúdo.

Lev Vygotsky, um dos principais teóricos do desenvolvimento infantil, enfatiza a importância da interação social no processo de aprendizagem. Para ele, as crianças desenvolvem habilidades a partir da mediação de adultos e pares, sendo a linguagem e a brincadeira fundamentais nesse processo (VYGOTSKY, 1991). As histórias interativas, nesse sentido, proporcionam um espaço natural para essa mediação e cooperação, criando uma zona de desenvolvimento proximal em que a criança pode avançar em suas competências com apoio.

Além disso, Howard Gardner, com sua teoria das Inteligências Múltiplas, defende que o aprendizado se torna mais eficaz quando se utiliza abordagens que mobilizam dife-

rentes formas de inteligência – linguística, interpessoal, corporal- cinestésica, musical, entre outras (GARDNER, 1995). As histórias interativas, ao integrarem fala, movimento, expressão emocional e relações sociais, atendem a essa diversidade de estilos e potencialidades.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como as histórias interativas podem ser aplicadas de maneira eficaz com crianças de 3 a 6 anos, destacando os benefícios dessa metodologia para o desenvolvimento integral na primeira infância, apresentando exemplos práticos e sugerindo estratégias que educadores e cuidadores podem adotar em contextos pedagógicos diversos.

2. O UNIVERSO DAS HISTÓRIAS PARA A APRENDIZAGEM INFANTIL

O universo das histórias sempre foi uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento das crianças. Desde os contos de fadas que encantam os mais novos até as narrativas complexas que instigam a imaginação de crianças mais velhas, as histórias sempre desempenharam um papel essencial no estímulo à criatividade, à empatia e ao aprendizado. Bettelheim (2002) afirma que os contos de fadas, ao lidar simbolicamente com conflitos e emoções humanas, contribuem significativamente para o amadurecimento psicológico infantil. Além disso, segundo Abramovich (1997), contar histórias é um modo de criar vínculos afetivos, desenvolver o gosto pela leitura e possibilitar uma escuta ativa e significativa.

No entanto, o que acontece quando essa experiência narrativa vai além da simples escuta e envolve as próprias crianças na criação da história? É isso que chamamos de histórias interativas.

As histórias interativas são aquelas nas quais o narrador envolve os ouvintes de maneira ativa, possibilitando que eles deixem de ser meros receptores e se tornem coautores da narrativa. Essa abordagem está alinhada com os pressupostos de Vygotsky (1991), para quem a aprendizagem ocorre a partir da interação social e da mediação. Ao participar de histórias interativas, as crianças constroem conhecimento de forma colaborativa e significativa, situando-se em sua zona de desenvolvimento proximal.

Essas interações podem ocorrer de várias formas:

- Respostas às perguntas do narrador: O narrador pode fazer perguntas durante a história, permitindo que as crianças opinem sobre o que deve acontecer a seguir. Por exemplo: "O que você acha que o personagem deve fazer agora? Devemos seguir pelo caminho à direita ou à esquerda?"
- Escolhas narrativas: Em histórias mais estruturadas, o narrador pode apresentar opções que afetam o rumo da narrativa. Por exemplo, em uma história sobre animais, a criança pode escolher qual ajudará o protagonista em sua missão.
- Representação de personagens: As crianças podem ser convidadas a representar personagens, usando gestos, expressões e fala, promovendo o desenvolvimento da linguagem corporal e da expressão verbal (CUNHA, 2003).
- Criação de elementos narrativos: Algumas histórias incentivam as crianças a adicionar personagens, objetos ou alterar o cenário, promovendo sua autonomia e criatividade narrativa.

A chave para o sucesso das histórias interativas está em permitir que a criança se sinta parte da história, não apenas espectadora. Isso promove um aprendizado ativo, estimula múltiplas áreas do desenvolvimento infantil e atende a diferentes estilos de aprendizagem, conforme aponta Gardner (1995), ao defender a valorização das múltiplas inteligências no processo educativo.

As histórias interativas oferecem uma série de benefícios, especialmente para crianças entre 3 e 6 anos — fase sensível para o desenvolvimento da linguagem, da cognição e das habilidades socioemocionais (KISHIMOTO, 2007). Entre os principais benefícios observados, destacam-se:

- Engajamento e motivação: A participação ativa mantém as crianças envolvidas, pois elas sentem que têm voz e influência na história. Segundo Oliveira (2000), o envolvimento afetivo e intelectual com a narrativa fortalece os vínculos com a aprendizagem e amplia a capacidade de concentração.
- Desenvolvimento da linguagem: As histórias promovem o uso da linguagem oral em situações significativas, contribuindo para o enriquecimento do vocabulário, a construção de frases e o aperfeiçoamento

da comunicação. Além disso, o exercício da escuta ativa e da interpretação de enunciados favorece a compreensão auditiva (ROJO, 2009).

• Estímulo à criatividade e ao pensamento crítico: Tomar decisões narrativas estimula a capacidade de imaginar, projetar soluções e considerar alternativas
— habilidades centrais ao pensamento crítico (PIAGET, 1971). Enfrentar dilemas e desafios narrativos desenvolve a autonomia e o raciocínio lógico.

• Habilidades sociais e emocionais: As histórias em grupo promovem o convívio, o respeito à vez do outro e o diálogo. Segundo Antunes (2003), narrativas colaborativas contribuem para o desenvolvimento da empatia, da cooperação e da resolução de conflitos de forma construtiva.

Exemplos de histórias interativas para crianças de 3 a 6 anos:

• "Aventura na Floresta Encantada": As crianças escolhem caminhos para o personagem principal, como seguir por um trajeto misterioso ou seguro. Cada escolha leva a diferentes desafios, exigindo que o grupo pense coletivamente para avançar.

• "A Missão dos Animais": Cada criança representa um animal com habilidades específicas, e em conjunto precisam superar obstáculos, como salvar um amigo ou encontrar um tesouro. Essa história valoriza o trabalho em equipe e o reconhecimento de qualidades individuais.

• "O Mistério da Casa Mágica": As crianças resolvem enigmas e escolhem ações para desvendar um mistério. O enredo incentiva a observação, a escuta atenta e a construção coletiva de soluções.

2.1 Materiais e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida por meio de dois métodos principais: a revisão bibliográfica e a observação prática em sala de aula.

A revisão bibliográfica contemplou a análise de obras e estudos que discutem o desenvolvimento infantil, a importância da interação social no processo de aprendizagem e as metodologias de contação de histórias. Um dos principais referenciais teóricos utilizados foi Vygotsky (1991), cuja teoria sociocultural destaca a interação social como elemento central na construção do conhecimento. Para o autor, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da mediação de outros, especialmente em contextos interativos que envolvem linguagem e cooperação.

Outro autor de destaque é Howard Gardner (1995), cuja teoria das inteligências múltiplas propõe que o ensino deve abarcar diferentes formas de aprendizagem — linguística, interpessoal, corporal-cinestésica, entre outras —, algo que as histórias interativas naturalmente proporcionam ao envolver expressão oral, movimento e cooperação entre pares.

Além disso, autores como Bettelheim (2002) e Abramovich (2000) também foram considerados. Bettelheim ressalta o valor simbólico dos contos de fadas no desenvolvimento emocional e moral da criança, enquanto Abramovich enfatiza o papel da narrativa na construção do sentido e da subjetividade infantil.

No que se refere à observação prática, foram realizadas sessões em salas de aula da educação infantil com crianças de 3 a 6 anos. As sessões foram estruturadas em momentos de contação de histórias interativas, nas quais as crianças eram convidadas a participar ativamente da narrativa. A observação concentrou-se em três aspectos principais: o nível de engajamento das crianças, o impacto das atividades na interação social e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas.

2.2 Resultados

Os resultados das sessões observadas indicaram que as histórias interativas são eficazes em diversos aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil, especialmente nas áreas de engajamento, linguagem e interação social.

Engajamento elevado:

A maioria das crianças observadas participou ativamente das histórias, respondendo perguntas, sugerindo ações e até mesmo modificando o enredo. Esse envolvimento profundo com a narrativa demonstra que as histórias interativas são capazes de capturar e manter a atenção das crianças de maneira significativa e prolongada. Segundo Ryan e Deci (2000), o engajamento está fortemente relacionado à motivação intrínseca — um tipo de motivação que surge do interesse e

da satisfação pessoal com a atividade, e que é essencial para uma aprendizagem significativa.

Esse tipo de participação ativa se alinha com a perspectiva construtivista de aprendizagem defendida por Vygotsky (1991), que compreende o conhecimento como resultado da interação social e da mediação. As crianças não são meras receptoras de conteúdo, mas atuam como coautoras da experiência de aprendizagem, criando significados por meio da ação compartilhada. Além disso, conforme argumenta Freire (1996), a prática pedagógica deve ser dialógica e permitir a expressão ativa dos sujeitos, favorecendo a autonomia e a formação crítica desde a infância.

Portanto, o engajamento promovido pelas histórias interativas contribui diretamente para o desenvolvimento da motivação para aprender, o que é especialmente relevante na educação infantil, período em que se consolidam as bases afetivas e cognitivas da relação da criança com o conhecimento.

Desenvolvimento da linguagem:

Outro resultado observado foi a ampliação do vocabulário das crianças e o aumento da fluência verbal. As histórias interativas criam oportunidades constantes para que as crianças expressem ideias, formulem hipóteses e desenvolvam narrativas próprias. Essa prática contínua favorece o desenvolvimento da linguagem oral em seus diversos aspectos: vocabulário, sintaxe, coesão e coerência textual.

Schneuwly e Dolz (2004) destacam a importância dos gêneros orais e escritos no processo de letramento, afirmando que as práticas discursivas contribuem para o domínio da linguagem em diferentes situações comunicativas. Já Kuhl (2010) ressalta que o cérebro da criança pequena é altamente receptivo à linguagem quando há interação verbal significativa, o que reforça a eficácia das histórias interativas como estratégia pedagógica.

Além disso, ao utilizarem diferentes tipos de linguagem (narrativa, descritiva, interrogativa, dialogal), as crianças ampliam não apenas seu vocabulário, mas também suas habilidades pragmáticas e discursivas. Como aponta Abramovich (2000), a literatura oral tem papel central no estímulo da criatividade e da sensibilidade linguística da criança, funcionando como um campo fértil para o exercício da escuta e da fala.

A comunicação não verbal também é desenvolvida por meio da dramatização e da expressão corporal durante a contação, favorecendo habilidades comunicativas mais amplas, como entonação, ritmo e gestualidade — aspectos essenciais da competência comunicativa.

Interação social positiva:

Um dos achados mais relevantes foi a melhora significativa na interação social entre as crianças. Participantes inicialmente mais tímidos ou retraídos passaram a interagir com colegas e educadores com maior frequência e desenvoltura ao longo das sessões. Esse resultado corrobora os estudos de Campos (2011), que destaca o papel das experiências sociais na construção da identidade e na aprendizagem colaborativa durante a infância.

As histórias interativas favorecem a criação de um ambiente lúdico e cooperativo, onde o diálogo, a escuta e a negociação de sentidos são constantemente exercitadas. De acordo com Piaget (1975), é por meio do jogo simbólico e da interação com os pares que as crianças constroem regras sociais, aprendem a lidar com frustrações e compreendem diferentes pontos de vista.

Além disso, a dinâmica interativa das histórias favorece a emergência da empatia e da cooperação, componentes fundamentais da inteligência emocional descrita por Damasio (2012). Crianças que têm espaço para se expressar, ouvir o outro e tomar decisões em grupo desenvolvem habilidades socioemocionais cruciais para seu bem-estar e sucesso futuro.

Esse tipo de socialização, conforme argumenta Gardner (1995) em sua teoria das inteligências múltiplas, também contribui para o fortalecimento da inteligência interpessoal, essencial para a convivência em grupo e para o desenvolvimento de competências socioafetivas.

No contexto educacional, essas competências são cada vez mais valorizadas. Como ressalta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), o desenvolvimento de habilidades socioemocionais deve estar integrado às práticas pedagógicas desde a educação

infantil, assegurando a formação integral da criança.

2.3 Discussão

A análise dos dados reforça de maneira consistente a concepção de que o aprendizado ativo, por meio de histórias interativas, exerce um impacto positivo e multifacetado no desenvolvimento infantil. Esse impacto transcende a mera aquisição de conhecimento, englobando também o fortalecimento de habilidades cognitivas, linguísticas e sociais. A participação ativa na construção de uma narrativa proporciona à criança um contexto rico de aprendizagem no qual ela é incentivada a exercer sua criatividade, tomar decisões, antecipar consequências e resolver problemas. De acordo com Jensen (2001), experiências educacionais que envolvem múltiplas áreas do cérebro, como ocorre nas atividades narrativas interativas, potencializam significativamente a retenção e a profundidade do aprendizado.

Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre de maneira mais eficaz quando ela está engajada em atividades sociais significativas, nas quais o conhecimento é construído coletivamente. As histórias interativas oferecem justamente esse tipo de contexto: uma situação de aprendizagem em que a linguagem, o pensamento e a imaginação se entrelaçam. O uso da linguagem na construção de histórias não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento abstrato e da autorregulação, como também apontam Luria (1986) e Bruner (2001).

A apropriação ativa do conteúdo narrativo, viabilizada pelo envolvimento direto da criança com a história, contribui para uma aprendizagem mais profunda e duradoura. Como destaca Bakhtin (1992), a linguagem ganha sentido real nas interações sociais, quando está inserida em um contexto dialógico. Ao interagir com os elementos da narrativa, as crianças não apenas escutam, mas constroem sentido, explorando e expandindo seu repertório linguístico e cultural. A construção de frases mais complexas, o uso de vocabulário novo e a melhoria da expressão oral observadas durante as sessões se alinham com as contribuições de Schneuwly e Dolz (2004), que ressaltam a importância das práticas orais contextualizadas para o avanço das competências linguísticas.

O exercício constante da linguagem, tanto na escuta quanto na fala, estimula não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também a organização do pensamento e a capacidade de argumentação. Essa dimensão é essencial na educação infantil, pois, como afirma Koch (2011), o domínio da linguagem é condição fundamental para a construção de conhecimentos em todas as áreas do saber. As histórias interativas se tornam, assim, um potente instrumento de letramento, pois promovem práticas discursivas significativas desde os primeiros anos da escolarização.

Em termos sociais, o aprendizado ativo por meio de narrativas colaborativas promove a cooperação, a negociação de significados e a construção conjunta do enredo, contribuindo diretamente para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Gardner (1995), ao tratar da inteligência interpessoal, já enfatizava que atividades que exigem sensibilidade para com os sentimentos e desejos dos outros são fundamentais para a formação integral do indivíduo. Durante as sessões observadas, foi possível notar o fortalecimento de habilidades como a empatia, o respeito ao turno de fala e a valorização do ponto de vista alheio, competências fundamentais para a convivência em grupo.

Outro ponto crucial revelado pelos dados é a importância da flexibilidade pedagógica por parte do narrador. A abertura do educador para adaptar a narrativa a partir das contribuições inesperadas das crianças torna a experiência mais rica e
significativa. Freire (1996) já defendia que o educador deve ser um mediador atento e sensível às necessidades e saberes dos educandos, criando um ambiente de aprendizagem dialógico e democrático. Ao permitir que as crianças participem ativamente da criação da história, o narrador reconhece seu protagonismo e fortalece sua autoestima e senso de agência. Brougère (1998) ressalta que o brincar e a imaginação são dimensões centrais da infância, e que o educador deve valorizar e integrar essas dimensões no processo pedagógico.

Nesse sentido, o papel do narrador se assemelha ao do mediador vygotskyano, que

conduz a atividade sem impor conteúdos prontos, mas criando condições para que a criança atue na sua zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1991). A habilidade de integrar as falas das crianças ao enredo sem comprometer a coerência narrativa requer sensibilidade, escuta ativa e domínio pedagógico por parte do educador.

Dessa forma, conclui-se que o uso de histórias interativas na educação infantil não apenas promove uma aprendizagem mais engajante e significativa, mas também contribui de forma efetiva para o desenvolvimento integral das crianças. Ao articular as dimensões cognitiva, linguística e socioemocional em uma experiência lúdica e colaborativa, as histórias interativas cumprem um papel essencial na formação de sujeitos autônomos, criativos, empáticos e capazes de se comunicar com clareza e sensibilidade.

3. Conclusão

Ao integrar elementos de narrativa com a participação ativa das crianças, essas histórias oferecem uma plataforma rica para o desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas, linguísticas, sociais e emocionais. No entanto, para que essa abordagem seja verdadeiramente benéfica, é necessário um olhar crítico e cuidadoso sobre como ela é aplicada, considerando tanto seus potenciais quanto suas limitações.

Em primeiro lugar, as histórias interativas incentivam o engajamento das crianças de maneira profunda e multifacetada. Elas não se limitam ao simples ato de escutar, mas envolvem a criança de forma ativa na construção da narrativa, estimulando seu pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade. Nesse contexto, as crianças não apenas entendem o que acontece em uma história, mas têm a oportunidade de influenciar o desenrolar dos eventos, o que fortalece suas habilidades cognitivas, como memória, atenção e compreensão.

Além disso, a participação ativa em histórias interativas favorece o desenvolvimento linguístico. A interação com o narrador e com os outros colegas de grupo proporciona um espaço para a prática de novas palavras e expressões, ampliando o vocabulário e a capacidade de comunicação. As crianças também desenvolvem habilidades sociais valiosas ao interagir em grupo, aprendendo a ouvir, respeitar os turnos de fala, negociar significados e compartilhar ideias. A construção coletiva de uma história, especialmente quando envolve decisões colaborativas, estimula a empatia, a cooperação e o respeito às diferenças, que são essenciais para o desenvolvimento emocional e social saudável.

Contudo, apesar de suas qualidades, a utilização de histórias interativas não está isenta de desafios. Um dos principais pontos críticos é a necessidade de uma adaptação cuidadosa ao nível de desenvolvimento das crianças. Para que a metodologia seja eficaz, é crucial que a história, suas interações e o ritmo da atividade estejam alinhados com a faixa etária e as capacidades cognitivas dos pequenos. Se a história for excessivamente complexa ou, por outro lado, simplista demais, o processo de aprendizagem pode ser comprometido, seja pela frustração, seja pela falta de desafio. Esse desequilíbrio pode resultar em desinteresse ou falta de engajamento, algo que contraria um dos principais objetivos das histórias interativas. Outro ponto de criticidade diz respeito à flexibilidade do educador na condução da narrativa. Embora a adaptabilidade seja um aspecto essencial para o sucesso das histórias interativas, ela não deve ser confundida com a falta de estrutura. Um narrador totalmente flexível pode correr o risco de perder o rumo da história ou permitir que a atividade se desvie do objetivo pedagógico. Por outro lado, um educador excessivamente controlador pode inibir a criatividade e a participação das crianças, limitando o impacto da atividade. A habilidade de encontrar o equilíbrio entre orientar a narrativa e permitir que as crianças influenciem sua direção é, portanto, um dos maiores desafios dessa metodologia.

Ademais, é necessário refletir criticamente sobre a ideia de que as histórias interativas, por si só, podem resolver todas as questões pedagógicas da educação infantil. A integração de histórias interativas deve ser feita de forma complementar a outras abordagens, sem sobrecarregar a criança com atividades exclusivamente baseadas em narração e interação. Nesse sentido, o uso dessa metodologia deve ser planejado dentro de um currículo mais amplo, que contemple diferentes

áreas do conhecimento e desenvolva habilidades diversas.
Outro desafio importante está na dinâmica de grupo. Em um ambiente com muitas crianças, nem todos terão as mesmas oportunidades de participar ativamente da criação da história. Algumas crianças podem ser mais tímidas ou hesitantes, enquanto outras podem dominar a narrativa. Isso pode gerar desigualdades na experiência de aprendizagem, com algumas crianças ficando em segundo plano ou não tendo suas contribuições suficientemente valorizadas. A habilidade do educador de gerenciar essas dinâmicas e garantir a participação equitativa é crucial para o sucesso da atividade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura: prazer e conhecimento. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ANTUNES, Celso. Inteligência emocional e a construção da autonomia moral. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1998.

BRUNER, Jerome. A cultura da educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMPOS, Maria Malta. A criança e o conhecimento: repensando a experiência pré- escolar. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
CAMPOS, Maria Malta. Educação infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 2003.

DAMASIO, Antonio R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FERREIRA, M. S. Histórias interativas na educação infantil. São Paulo: Editora Educação, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.
22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 1995.

JENSEN, Eric. Cérebro e aprendizagem: como os alunos aprendem. Porto Alegre: Artmed, 2001.
KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2011.

KUHL, Patricia K. Brain mechanisms in early language acquisition. Neuron, v. 67, n. 5, p. 713–727, 2010.

LURIA, A. R. Linguagem e desenvolvimento intelectual da criança. São Paulo: Ícone, 1986.

LIMA, R. C. A prática da contação de histórias na primeira infância. Rio de Janeiro: EDU, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2002.

OLIVEIRA, T. R. Engajamento infantil por meio de histórias interativas. Curitiba: Editora Pedagógica, 2019.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na

criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.
PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Summus, 1975.
ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.